

Escrita coletiva das utopias em tempos de crise: um estudo da produção discursiva sobre o pós-pandemia de COVID-19 no Twitter

Collective writing of utopias in times of crisis: a study of discursive production about the post-COVID-19 on Twitter

Daniel Rossmann Jacobsen¹

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

danieljacobsen.ufes@gmail.com

Ruth de Cássia dos Reis²

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

ruthdosreis@gmail.com

RESUMO: Com o objetivo de mapear os principais discursos sobre o cenário pós-COVID-19 construídos pela comunidade de usuários da rede social Twitter, realizamos coleta, processamento e visualização de dados mediados por computação, aferição de discursos relevantes do corpus e posterior análise do discurso. Encontramos discursos variados, tanto utópicos quanto distópicos, e ainda neutros, e concluímos a multiplicidade de narrativas como característica básica da escrita coletiva em tempos de crise.

Palavras-chave: Twitter; Utopia; COVID-19; Análise do discurso.

ABSTRACT: In order to map the main discourses about the post-COVID-19 scenario built by the Twitter community, we collect, process and visualize data, with computation mediation. We checked the relevant discourses from the corpus and then analyzed the discourse. We found varied discourses, both utopian and dystopian, and even neutral, and concluded the multiplicity of narratives as a basic characteristic of collective writing in times of crisis.

Keywords: Twitter; Utopia; COVID-19; Discourse analysis.

¹ Mestrando em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela mesma universidade. Ex-bolsista de Iniciação Científica do CNPq no Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/CNPq/UFES).

² Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/CNPq/UFES).

Introdução

A pandemia de COVID-19, sem precedentes e com potencial avassalador de risco, alterou as dinâmicas sociais e deu oportunidade ao surgimento de previsões diversas sobre o futuro. Entre apocalípticos e integrados encontramos muitas nuances, mas, principalmente, a certeza de que viveremos um “novo normal”. O objetivo desta investigação é compreender quais utopias são projetadas pelos sujeitos comuns para um momento posterior à pandemia de coronavírus, considerando que a experiência inédita e de proporções alargadas vividas pela emergência de uma pandemia requer mudanças importantes de comportamentos, hábitos, cuidados e processos de produção e reprodução da vida, decorrentes da ameaça de contágio por um vírus potencialmente letal. O desenho de futuros, as distopias e utopias que se constroem em momentos críticos como o que vivemos são importantes indicadores dos desejos que permeiam a sociedade e das críticas que esta produz frente ao processo de desenvolvimento social e cultural.

Intelectuais de diversos matizes têm especulado sobre o que virá após a pandemia de COVID-19 – e de outras que podem surgir –, considerando a alta conectibilidade da sociedade. Comparato (2020), por exemplo, acredita que as desigualdades sociais serão ainda mais aprofundadas com a pandemia. “Ainda não sabemos qual será a duração, nem tampouco o tamanho dos efeitos mundiais da peste do coronavírus. Mas é possível, desde já, prever que ela contribuirá decisivamente para o aumento da desigualdade socioeconômica mundial” (COMPARATO, 2020, online). A Antropóloga Débora Diniz (2020), vislumbra um mundo mais feminista, pois os valores do cuidado serão evocados com mais ênfase pela sociedade, que, neste momento, é acometida pelo desamparo. Byung-Chul Han aposta que “sobreviver se tornará algo absoluto, como se estivéssemos em estado de guerra permanente” (HAN, 2020, online). Sobrevivência, sacrifício do prazer e perda do sentido da boa vida serão marcas do mundo pós-pandemia na visão do filósofo, pois será imposto um regime de vigilância e de quarentenas biopolíticas. Boaventura Souza Santos (2021) também fez suas apostas descrevendo três cenários: um, de continuidade da ordem atual; outro, de adaptação do Estado para um novo Keynesianismo e um terceiro, de superação e adoção de uma nova ordem não-capitalista, não-patriarcalista e não-colonialista.

Essas e outras especulações têm circulado principalmente nos veículos de comunicação jornalísticos e publicações científicas e também reverberam na conversação comum da sociedade, realizada nos ambientes midiáticos das redes sociais na internet. Nosso objetivo nesta pesquisa foi identificar a produção discursiva sobre o tema e as projeções das utopias pós-

pandemia, que, a exemplo dos intelectuais, é elaborada na conversação comum, vernacular, dos usuários/habitantes das redes sociais, identificando os principais vetores que potencializam o debate coletivo e as utopias da sociedade, seus receios e anseios que se expressam nas plataformas de redes sociais.

Nossa hipótese é de que diante de situações limites como a vivida a partir da pandemia, tende-se a elaborar, com mais ênfase do que em situações corriqueiras, cenários possíveis para um momento posterior ao evento crítico vivido. Esses cenários apontam as atitudes do presente para enfrentamento da situação vivida. Também consideramos na formulação dessa hipótese, que essas elaborações, dadas as características das redes sociais, marcadas pela informalidade, velocidade e por uma linguagem comum, tendem a não se revestir da mesma erudição e níveis de especulação dos intelectuais, mas devem ser consideradas no processo de fabulação das utopias.

Tomamos como corpus de pesquisa as trocas de mensagens no Twitter, plataforma de redes sociais que se coloca como palco importante de circulação discursiva, propagando múltiplas visões de mundo. No Brasil, é a terceira rede social mais usada (“Interactive”, [s.d.]) O Twitter é uma plataforma de microblogging que permite publicações com até 208 caracteres, fotos, vídeos, gifs e links. Em janeiro de 2022, mais de 19 milhões de brasileiros utilizaram a rede social. Dados informados pela empresa dão conta de 217 milhões de usuários ativos em todo o mundo no último trimestre de 2021 (BRAUN, 2022, online).

Esta pesquisa recorre a uma abordagem interdisciplinar, multimetodológica e multiconceitual. Buscamos construir conexões entre métodos relacionados a dados digitais e a Análise do Discurso (AD) de vertente pecheutiana, além de trabalhar conceitos como o de discurso (PÊCHEUX, 1994; 2009; 2010; ORLANDI, 2001), discurso digital (DIAS, 2018), utopia (KOSELLECK, 2014) e pós-coronavírus.

Este artigo não objetiva apenas apresentar os principais resultados da pesquisa, mas explicitar com a devida transparência todos os procedimentos metodológicos empregados. Assim, não se pretende somente publicizar as descobertas, mas também os caminhos que levaram a elas, a fim de compartilhar experiências e práticas de pesquisa que ainda são muito recentes, para questões também recentes, e assim se possibilitem avanços metodológicos na área.

Para estruturar uma base conceitual que suporte e contextualize as análises realizadas, realizamos, no segundo tópico, uma revisão bibliográfica sobre os principais conceitos abordados. No terceiro tópico, demonstraremos como coletamos nosso corpus e, depois disso, como o analisamos e nos posicionamos diante dele, explicitando nossas escolhas e abordagens

em cada etapa do processo de pesquisa. No quarto tópico, apresentamos a análise do corpus e o que conseguimos descobrir a partir dele. Nas conclusões mostramos como essas descobertas se alinham com as reflexões teóricas antes postas ou como delas se afastam.

Referencial teórico

Discurso e discurso digital

O discurso, conceito chave deste trabalho, entendemos com base em Pêcheux como efeito de sentido entre interlocutores, sujeitos atravessados por ideologias, afetados pelo inconsciente e marcados sócio-historicamente pela luta de classes. Assim, o conceito de discurso, para a corrente pecheutiana da Análise do Discurso, chamada também de Análise do Discurso francesa ou, simplesmente, AD, se desloca das definições postas por outros autores que lidaram com o tema em correntes de pensamento diferentes, como Foucault e Bakhtin, por exemplo. De linha marxista e althusseriana, Pêcheux tem uma longa formulação sobre o conceito de discurso, que se transforma durante seu percurso de investigação sobre a questão. Dessa longa trajetória, interessa-nos reter algumas perspectivas por ele formuladas como a de que o discurso é social e historicamente localizado; não é fruto simplesmente da concepção de sujeitos individualizados, mas resultado de múltiplas conexões presentes nas estruturas sociais, sistemas políticos e econômicos e nas relações de poder (MEDEIROS, 2016). O discurso se dá a partir de suas condições de produção (PÊCHEUX, 2010) e se coloca como território de materialização da ideologia. Pêcheux formula também uma compreensão do processo de subjetivação, propondo que o sujeito se constitui ao ser interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. Nessa perspectiva, cada indivíduo, no processo discursivo, é tomado por dois esquecimentos: o de não se perceber submerso num mundo já existente, o que gera a ilusão de ser origem do que se diz (ordem ideológica) e de que há um domínio daquilo que se diz (ordem enunciativa) (PÊCHEUX, 2009). Destituído da centralidade do discurso, o indivíduo constitui sentido a partir de sua inscrição em uma formação discursiva e ocupa distintas posições-sujeito conforme as formações discursivas e ideológicas a que adere.

Quando falamos em realizar análise do discurso digital, é importante salientar que não é do nosso interesse a formulação de uma nova teoria-método com essa alcunha, mas ao invés disso visamos nos apropriar da Análise do Discurso enquanto disciplina teórico-metodológica já estabelecida, e trazendo o digital como objeto sobre o qual nos debruçamos. É evidente que

adaptações e arranjos conceituais e metodológicos podem se fazer necessários em vista do objeto analisado, mas não se trata, entretanto, de uma nova teoria da linguagem no âmbito da produção digital, apenas reconfigurações do que já utilizamos e aproveitamos em análises discursivas de outros suportes.

De fato, a questão do digital não é uma novidade para a análise do discurso. Já Pêcheux se preocupava com a informatização da produção, circulação e análise do discurso por meio de máquinas. Citando a Linguística, seio da Análise do Discurso, como teoria sintática, o autor escreve:

A materialidade da sintaxe é realmente o objeto possível de um cálculo – e nesta medida os objetos lingüísticos (sic) e discursivos se submetem a algoritmos eventualmente informatizáveis – mas simultaneamente ela escapa daí, na medida em que, o deslize, a falha e a ambigüidade (sic) são constitutivos da língua, e é por aí que a questão do sentido surge do interior da sintaxe. (PÊCHEUX, 1994, p. 9).

E em seguida cita o filósofo francês Georges Canguilhem:

O sentido escapa a toda redução que tenta alojá-lo numa configuração orgânica ou mecânica. As máquinas ditas inteligentes são máquinas de produzir relações entre os dados que lhes são fornecidos mas elas não estão em relação ao que o utilizador se propõe a partir das relações que elas engendram para ele. Porque o sentido é relação à, o homem pode jogar com o sentido, desviá-lo, simulá-lo, mentir, armar uma cilada (CANGUILHEM apud PÊCHEUX, 1994, p. 9).

Segundo Orlandi (2001), a produção de discurso se dá por um processo que envolve três momentos que funcionam juntos, são inseparáveis e possuem a mesma relevância: constituição, formulação e circulação. A constituição acontece “[...] a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico ideológico mais amplo” (ORLANDI, 2001, p. 9), a formulação está relacionada com a circunstância específica da enunciação do discurso, e a circulação se refere ao movimento do discurso entre a enunciação e o enunciatário.

Embora inseparáveis, Dias (2018) argumenta que em se tratando do discurso na esfera do digital, é necessário considerar mais destaque para o momento da circulação, uma vez que “[...] o discurso digital se formula ao circular” (DIAS, 2018, p. 29), servindo então a circulação como “ângulo de entrada”, conforme esclarece a autora com base em Orlandi (2001). A circulação é então entendida como ponto de partida não só para a compreensão de seu próprio fenômeno, que está relacionado, nos ambientes digitais, ao compartilhamento, interação e viralização, mas também é a instância a partir da qual é possível compreender os outros dois momentos: a constituição e a formulação.

Essa mudança na ordem não quer estabelecer uma relação de anterioridade de um momento em relação ao outro, mas de perspectiva. Olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora. É esse modo de existência dos discursos que se impõe ao pensarmos sua constituição (DIAS, 2018, p. 29). Isso se mostra de suma importância quando aplicado na presente pesquisa. Quando utilizamos um software para recolher publicações no Twitter, estamos tocando diretamente no discurso em circulação. Não temos acesso direto, senão por indução, ao repertório de memórias e concepções a partir das quais o discurso se realiza, bem como à totalidade das suas condições de produção, nos restando atingi-lo pela circulação, que não só é espaço-momento de captura do discurso, mas também é respaldado em critérios de processamento e hierarquização dos dados obtidos, uma vez que a noção de engajamento, conforme explicaremos mais adiante, nos é fundamental para análise e está diretamente relacionada à circulação do texto pela plataforma e pelo seu alcance em relação aos atores da rede social.

Utopia

Uma das dificuldades conceituais que nos deparamos ao propor um estudo dos discursos de futuro sobre o pós-COVID é, justamente, tratar de um tipo de um tempo que, sabemos, só pode ser realizado através do presente. Por muitos séculos, o estudo do futuro, pautado por saberes mitológicos, religiosos e astrológicos, contribuiu para o afastamento da perspectiva científica. Nas Ciências Humanas, o estudo da História, do passado, se consolidou como forma de entender como chegamos até aqui, mas pouco sobre o que pode vir. Também nas ciências duras, como a Física, a Astronomia e a Biologia, se investe muito mais recursos em entender de onde viemos, do que em pensar para onde vamos.

Para o historiador alemão Reinhart Koselleck (2014), o estudo do futuro é possível a partir de projeções feitas com base em experiências do passado e do presente. Essas projeções não são apenas baseadas em memória de causa e efeito, mas incluem imaginação, sonhos e esperanças em maior ou menor nível. Surge então o conceito de utopia, que trabalhamos neste artigo a partir desse autor, que sintetiza: “Deduzir do presente ruim um futuro melhor é o padrão que determina a configuração dessa utopia” (KOSELLECK, 2014, p. 126).

Para Koselleck (2014), como adiantamos, uma parte de nossas utopias é formada por expectativa, e outra parte, por empirismo. Segundo o autor, em um primeiro momento apenas o passado pode ser verificado empiricamente, uma vez que está contido na nossa experiência, enquanto o futuro não pode ser submetido a esse tipo de verificabilidade, apenas se apoia na

expectativa. As expectativas são, elas mesmas, criadas a partir de prognósticos mais ou menos críveis, conectando o futuro com o presente a partir de pontos de contato, e esse presente pode ser verificado empiricamente. A noção de presente é tão necessária para o conceito de utopia que ambos, presente e utopia, não existem separados. Todos os presentes possíveis, sobretudo os vividos em tempos de crise, carecem de futuros imaginadamente melhores, tornando as utopias sempre, ou quase sempre, positivas.

Há também, no campo das narrativas ficcionais ou não-ficcionais, aquilo que chamamos de distopia, ou ainda utopia negativa. Existem ainda as distinções entre distopias positivas e negativas, mas não entraremos nesse debate. As distopias divergem das utopias em forma e conteúdo, segundo Bentivoglio (2020, p. 396-397):

As utopias parecem sempre partir de imagens idílicas ou romanceadas e flertam com a comédia, descrevendo lugares que são melhores do que aqueles onde se vive com os quais é preciso se envolver e entrar em concordância. As distopias flertam com a tragédia, ao assinalar que vivemos em mundos piores, que rejeitamos, e dos quais parece não haver escapatória. [...] alguns textos distópicos não têm nenhuma esperança, são niilistas e céticos. Outros guardam dentro de si um germe utópico, uma centelha de esperança. [...] Há nessa atmosfera distópica que alimenta um imaginário cético e pessimista espaços para a manutenção do otimismo e da convicção.

Nas utopias, conforme Koselleck (2014, p. 126), “o que o futuro oferece é, em poucas palavras, a compensação da miséria atual [...]”. A formulação de utopias não é apenas uma necessidade de escape do momento atual, mas uma forma de controlá-lo já no presente. Assim, o impulso “[...] de projetar o futuro como tarefa do dever moral, portanto de entender a história como uma instituição executiva temporalizada da moral, marcou profundamente o século seguinte [à Revolução Francesa]” (KOSELLECK, 2006, p. 239) e corresponde também à própria natureza humana, como diz Kant e como Koselleck relembra:

O desejo, como diz Kant, mas também os temores e as esperanças, anseios e receios, planejamentos, cálculos e previsões - todos esses modos de expectativa fazem parte da nossa experiência, ou, melhor, correspondem à nossa experiência. O ser humano, como ser aberto ao mundo e obrigado a viver sua vida, permanece dependente da visão do futuro para poder existir. Para ser capaz de agir, precisa incluir em seus planos a impossibilidade empírica de experimentar o futuro. Precisa prevê-lo, corretamente ou não (KOSELLECK, 2014, p. 191).

Embora alguns autores estabeleçam diferenças entre os conceitos de utopia negativa e distopia, neste artigo os entenderemos como sinônimos, tratando o conceito de utopia no sentido positivo, e distopia como negativo. Com base na teoria apresentada, e compreendendo o Twitter

como espaço de construção coletiva de discursos e narrativas, através da reiteração, reforço, crítica ou ajustamento desses discursos, desejamos entender neste artigo quais foram os discursos utópicos/distópicos gerados durante o período de pandemia de COVID-19, e para isso seguimos os procedimentos metodológicos que apresentamos em seguida.

Metodologia

Recorremos a uma abordagem multimetodológica para tentar dar conta do fenômeno que nos propomos analisar. O primeiro passo foi coletar, no Twitter, dados que contivessem as palavras-chaves pandemia, corona, coronavírus e COVID. A coleta se deu por meio de um aplicativo desenvolvido no Grupo de Pesquisas em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi), que conectava a API do Twitter, pelo método *streaming*, obtendo os seguintes dados principais: texto da mensagem que contivesse as palavras-chaves, usuário que a criou, usuário que a retuitou e data de ambos os procedimentos. Foram coletados no período entre 16/03/2020 e 07/08/2021, tempo de duração da coleta, 52.148.439 de tweets, organizados em arquivos CSV. O objetivo dessa coleta contínua foi gerar uma memória de interações provenientes do Twitter, sobre a primeira pandemia do século XXI, a ser posteriormente explorada para fins acadêmicos específicos, a exemplo desta pesquisa que aqui apresentamos. A escolha do Twitter se deveu ao fato de ser uma rede social bastante usada no Brasil e à maior facilidade de conexão à sua API, por ser mais transparente do que outras redes, incluindo aí uma documentação de uso mais acessível a pesquisadores acadêmicos.

Para que pudéssemos analisar esses dados com os limites dos equipamentos técnicos disponíveis e para os fins desta investigação, optamos por construir uma amostragem não probabilística por conveniência, que contemplasse as interações ocorridas durante os primeiros seis meses da pandemia, período em que as incertezas sobre o futuro da COVID-19 eram mais acentuadas. Assim, do conjunto maior de dados selecionamos 12 arquivos CSV, cada um correspondendo a um dia de cada quinzena entre março e setembro do ano de 2020, obtendo 2.539.736 de tweets a partir daquele universo de mais de 52 milhões de mensagens. Ao adotarmos esse procedimento para construção do corpus da pesquisa, foi possível selecionar *tweets* postados em todos os dias da semana, o que contempla eventuais diferenças de utilização de usuários ao longo da semana.

Em seguida, usamos o Alteryx Administrator Design³ (2021) para criarmos um workflow (fluxo de trabalho com dados) que nos permitisse extrair da amostra aqueles tweets que fossem úteis em relação à nossa proposta e objetivos. Utilizando o Alteryx, filtramos a amostra usando alguns termos e fragmentos de frases que nos indicassem a presença de discursos sobre o tempo futuro, especificamente após a pandemia de COVID-19. Esses termos foram: “após a pandemia”, “depois da pandemia”, “no fim da pandemia”, “quando acabar a pandemia”, “quando a pandemia acabar”, “quando a pandemia terminar”, “depois do corona”, “depois do COVID”, “depois da COVID”, “após o corona”, “após o COVID”, “após a COVID”, “no fim do corona”, “no fim do COVID”, “no fim da COVID”, “quando acabar o corona”, “quando acabar o COVID”, “quando acabar a COVID”, “quando o corona acabar”, “quando o COVID acabar”, “quando a COVID acabar”, “quando o corona terminar”, “quando o COVID terminar” e “quando a COVID acabar”. Assim, chegamos ao nosso corpus de 8.743 tweets, todos contendo um ou mais desses termos, entendidos como indicativos de discurso sobre o pós-pandemia.

Tendo chegado ao nosso corpus definido, utilizamos o Tableau Desktop Public Edition (2021) para gerar visualizações que tornassem a leitura dos dados mais precisa e nos permitisse construir uma compreensão das dinâmicas e atores presentes na rede naquele período. A primeira dessas visualizações (Figura 1)⁴ nos indicou os tweets mais populares, usando como critério a sua recorrência no corpus, o que indica as mensagens que foram mais *retweetadas* enquanto circulavam na rede social. O *retweet* é uma forma de engajamento à mensagem que circula, mas não significa necessariamente concordância ou discordância. Apenas que o usuário se articula com uma certa perspectiva discursiva em circulação, seja para apoiar ou criticar.

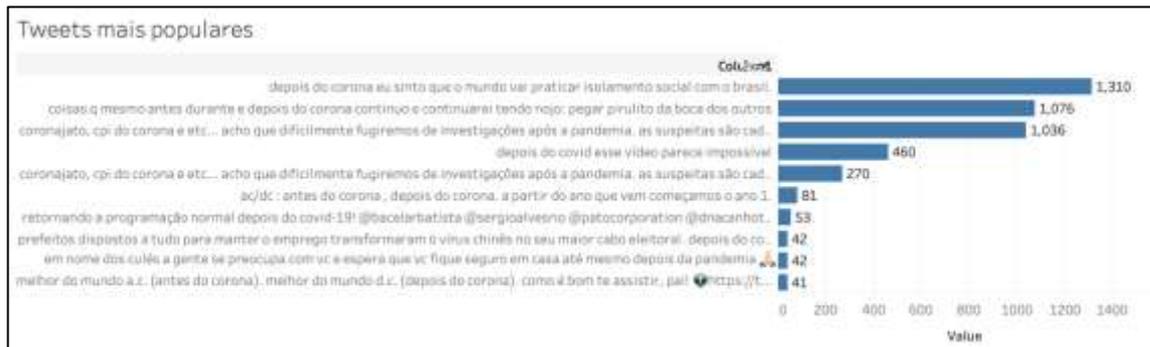
É importante destacar que no corpus utilizado o número de *retweets* corresponde ao encontrado na data da coleta feita. O gráfico a seguir (Figura 1), mostra os 10 *tweets* mais populares. Observa-se um destaque significativo nos três primeiros tweets, seguido de um destaque mediano nas duas publicações seguintes, e pouco destaque nas publicações seguintes.

³ O Alteryx Administrator Design é um software desenvolvido pela empresa Alteryx para análise de dados de forma intuitiva, adotando a perspectiva “no code”.

⁴ Todas as visualizações são interativas, sendo possível movimentar barras de rolagem, sobrepor o cursor e clicar nas barras. Neste artigo apresentamos prints desses gráficos, mas disponibilizamos o acesso ao relatório interativo em: <<https://public.tableau.com/app/profile/daniel.rossmann.jacobsen/viz/Ps-Covid2/Painel12>>.

Daniel Rossmann Jacobsen; Ruth de Cássia dos Reis. Escrita coletiva das utopias em tempos de crise: um estudo da produção discursiva sobre o pós-pandemia de COVID-19 no Twitter.

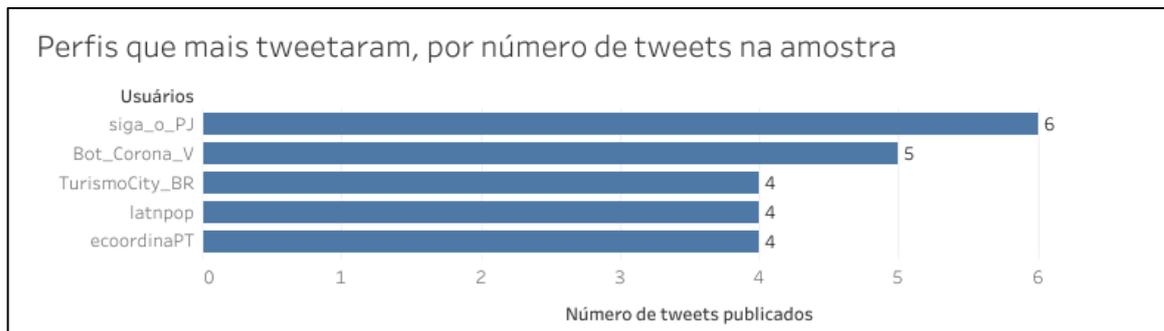
Figura 1 - Tweets mais populares, por recorrência na amostra



Fonte: Gerado pelos autores em Tableau Public.

Os dois gráficos a seguir mostram os usuários com maior número de publicações dentro do corpus (Figura 2) e os que tiveram suas publicações mais *retweetadas* (Figura 3). Entre os cinco usuário do corpus que mais tweetaram encontramos @siga_o_PJ, uma conta com apenas 7 postagens, 4 seguidores e 4 seguidos; @Bot_Corona_V que se apresenta em sua bio como “Apenas um bot que *retweeta* assuntos com relação ao COVID-19” (sic); @TurismoCity_BR, conta que não é mais encontrada no Twitter; @latnpop, que se autointitula jornalista e tem sua última atividade em março de 2020, @eccordinaPT, que é o perfil de uma empresa portuguesa de gestão de pessoas, já não mais disponível.

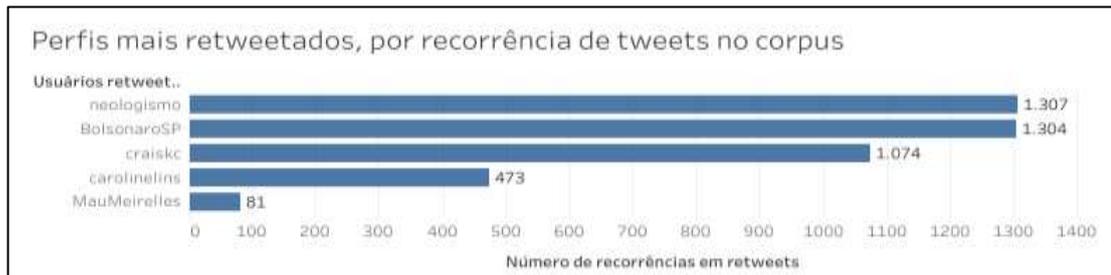
Figura 2 - Perfis que mais *tweetaram*, por número de tweets na amostra



Fonte: Gerado pelos autores em Tableau Public.

Entre os cinco perfis que mais foram retuitados estão: @Neologismo, um perfil criado em 2009, assinado pelo escritor Matheus Rocha; @BolsonaroSP, que se apresenta como “Deputado Federal mais votado da história do Brasil (1.843.735) em seu segundo mandato por SÃO PAULO, Policial Federal, Advogado e 3º filho de Jair Bolsonaro”; @craisck, perfil atualmente protegido, que está no Twitter desde 2016, tem apenas 33 seguidores e é seguido igualmente por 33 perfis; @carolinelins, criado em 2017, dedicado à promoção de serviços de fotografia da usuária e @MauMeirelles, ator e humorista com perfil é ativo desde 2009.

Figura 3 - Perfis mais retweetados, por recorrência de tweets no corpus



Fonte: Gerado pelos autores em Tableau Public.

Conhecer os usuários mais *retweetados* é útil para a compreensão de quais atores da rede estiveram em evidência por meio de suas publicações no período. O primeiro gráfico nos informa sobre os principais actantes no processo de circulação discursiva e o segundo nos oferece indicações de perfis que alcançaram os maiores resultados de audiência e recirculação dos discursos produzidos em rede. Também nos indica algumas características da rede social, que podem contribuir para entendermos as condições de produção do discurso no Twitter. É possível verificar por exemplo que há entidades com características robóticas (a exemplo de @siga_o_PJ) ou aquelas assumidamente robóticas (@ Bot_Corona_V), Essas características foram verificadas no aplicativo Botometer⁵. No contexto dessa pesquisa, os perfis com características robóticas se destacam na circulação discursiva. A produção discursiva, por sua vez, coloca em evidência os perfis orgânicos, especialmente aqueles que já agregam alguma notoriedade, como os políticos (ex.: @BolsonaroSP) ou personagens já conhecidos na mídia ou nas redes sociais (@Neologismo; @MauMeirelles). No próximo tópico apresentamos as análises, com as descobertas que realizamos e o diálogo que construímos a partir desses discursos no Twitter e a bibliografia especializada que propomos relacionar.

Resultados e discussão

Organizamos na Tabela 1 os 10 tweets mais *retweetados* do corpus de pesquisa, em ordem decrescente, como pode ser visto na Figura 2. Na tabela, também incluímos o nome (*username*) dos usuários responsáveis pela publicação e disponibilizamos o link para o respectivo tweet.

⁵ Desenvolvida pela Universidade de Indiana, disponível em: <<https://botometer.osome.iu.edu/>>.

Tabela 1 - Os 10 tweets mais populares do corpus de pesquisa

	Texto do tweet	Usuário	Link ⁶
1	depois do corona eu sinto que o mundo vai praticar isolamento social com o brasil.	Matheus Rocha (@matheus)	https://twitter.com/matheus/status/1261331605274099714?s=20
2	coisas q mesmo antes durante e depois do corona continuo e continuarei tendo nojo: pegar pirulito da boca dos outros	ciclopin (@ciclopin)	https://twitter.com/ciclopin/status/1288335165463449602?s=20
3	coronajato, cpi do corona e etc... acho que dificilmente fugiremos de investigações após a pandemia. as suspeitas são cada vez mais robustas.	Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP)	https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1250509770144055296?s=20
4	depois do COVID esse vídeo parece impossível	carol lins (@carolinelins)	https://twitter.com/carolinelins/status/1293745588543148039
5	coronajato, cpi do corona e etc... acho que dificilmente fugiremos de investigações após a pandemia. as suspeitas são cada vez mais robustas. https://t.co/ynwsy8twf5	Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP)	https://twitter.com/bolsonarosp/status/1250509770144055296
6	ac/dc : antes do corona , depois do corona. a partir do ano que vem começamos o ano 1.	Mauricio Meirelles (@MauMeirelles)	https://twitter.com/MauMeirelles/status/1250467451181162496?s=20
7	retornando a programação normal depois do COVID-19! @bacelarbatista @sergioalvesrio @patocorporation @dnacanhoto @anielsonv @fariasalves2 @leiaorganapt @lula13133 @marosario1967 @nagire_04 @timaopetralha @janainameloo @sgt_pimenta2 @brankasotnas @papaiboza @hospicio_brasil	Claudio Cerdeira (@Safocerdeira171)	https://twitter.com/Safocerdeira171/status/1261442707706253325?s=20
8	prefeitos dispostos a tudo para manter o emprego transformaram o vírus chinês no seu maior cabo eleitoral. depois do COVIDão, agora está na praça o golpe da quarentena https://t.co/sch011cfbg	Augusto Nunes (@augustonunes)	https://twitter.com/augustounes/status/1298274674921488390?s=20
9	em nome dos culés a gente se preocupa com vc e espera que vc fique seguro em casa até mesmo depois da pandemia 🙏	messi depre (@leomessidepre)	https://twitter.com/leomessidepre/status/1255947412360880129?s=20
10	melhor do mundo a.c. (antes do corona). melhor	Se Ficar Puto É Pior	https://twitter.com/

⁶ Conforme acesso e busca na plataforma Twitter (<<https://twitter.com/>>) em 03 set. 2021.

	do mundo d.c. (depois do corona). como é bom te assistir, pai! 🤖 https://t.co/ycwqdxgbnr	(@sfpeior)	sfpeior/status/1271928234104553472?s=20
--	--	------------	---

Fonte: Construção dos autores com dados do Twitter.

O *tweet* 1 revela, através de uma brincadeira com a ideia de isolamento social, um pessimismo em relação ao bem-estar internacional do Brasil causado pela má gestão da pandemia por parte do governo brasileiro e ao agravamento das questões políticas vivenciadas no país no período. O usuário sugere a dificuldade de estabelecimentos de acordos de cooperação no enfrentamento à pandemia de COVID-19 e entende que essa dificuldade de diálogo se estenderá para além do período pandêmico.

Já o *tweet* 2 faz uma reflexão sobre o comportamento cotidiano, apontando para uma mudança de consciência sobre boas práticas de higiene e etiqueta social antes e depois da pandemia. No *tweet* 3, o usuário faz uma crítica política, ao citar duas frentes que se ocupam da investigação dos gastos e das ações governamentais de enfrentamento à pandemia no Brasil: a operação Corona Jato, da Polícia Federal, e a Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19, do Senado Federal. A publicação é um *retweet* de uma outra publicação sobre superfaturamento na compra de testes e demais materiais de combate ao coronavírus. O usuário relata sua desconfiança em relação ao bom andamento das políticas de enfrentamento pelos prefeitos e governadores, uma vez que ressalta a necessidade dessas investigações terem começado ou serem propostas, e de sua atuação cada vez mais vigorosa para esses grupos. O usuário, no entanto, filho do presidente Bolsonaro, não reclama de indícios de más práticas pelo Governo Federal.

Não conseguimos analisar o *tweet* 4, uma vez que trazia consigo um vídeo, que não é capturado pela nossa ferramenta de coleta. O *tweet* em questão também não pode ser plenamente analisado manualmente, pois a autora alterou as suas configurações de privacidade na plataforma, impossibilitando o acesso. Isso se deve ao fato de que após a coleta, os *tweets* continuam disponíveis na rede e, portanto, sujeitos a interações, alterações de configuração e à exclusão. O *tweet* 5 apresenta o mesmo texto do *tweet* 3.

O *tweet* 6 faz uma brincadeira com os termos A.C. e D.C., que significam respectivamente “Antes de Cristo” e “Depois de Cristo”, em referência aos períodos conhecidos na História como “Antes da Era Comum” e “Era Comum”. O usuário da postagem ressignifica a sigla, atribuindo os significados de “Antes do Corona” e “Depois do Corona”, refletindo, com isso, que o impacto da pandemia de COVID-19 é tão significativo na Humanidade que poderia servir de parâmetro para marcar o início de uma nova Era. Ainda existe um ponto utópico nessa

publicação. Quando o usuário afirma que “a partir do ano que vem começamos o ano 1”, ele explicita sua confiança de que o fim da pandemia acontecerá nesse tempo, ou seja, em 2021, inaugurando, na forma de um ano 1, uma nova fase da vida em sociedade.

O *tweet 7* traz um vídeo que pudemos visualizar através da publicação original no Twitter. Trata-se de um compilado de falas do presidente Bolsonaro, ao longo do tempo, com ataques aos direitos humanos, à dignidade da pessoa humana e com desrespeito às leis e ao bom-senso. Entre as falas, uma mulher exclama: “Eu avisei”. No vídeo é exibida a frase “Nós avisamos. Quem defendia a morte jamais lutaria por sua vida”, em uma referência clara à postura despreocupada do presidente da República, Jair Bolsonaro, em relação ao enfrentamento da pandemia no Brasil.

No *tweet 8* o usuário acusa os prefeitos municipais de usarem o vírus como cabo eleitoral. No vídeo anexado, ele também acusa os prefeitos de desvio de verbas destinadas ao combate ao coronavírus. Também insinua a inflação dos números da COVID para fins de prolongamento do período de emergência. O usuário também comete xenofobia, ao atribuir ao povo chinês a origem do vírus, que é, na verdade, ainda ignorada pela comunidade científica.

O *tweet 9* é um *retweet* de uma notícia que anuncia que o jogador de futebol Rakitic diz assumir o risco de contrair a COVID-19 pois quer voltar a jogar. O usuário do Twitter usa de ironia e bom-humor não apenas para criticar a postura do jogador, mas também para criticar sua habilidade em campo; e insinua que para o bem dos culés, apelido dos torcedores do Barcelona, é melhor que o jogador fique em casa mesmo após a pandemia, ou seja, deixe espaço para outro jogador mais apto. Já no *tweet 10*, o usuário faz a mesma brincadeira que o usuário do *tweet 6* com as siglas A.C. e D.C., mas as usa com uma foto do jogador de futebol Messi, indicando que em sua opinião o jogador é o melhor antes e depois da pandemia de COVID-19.

Conclusões

Ao fim das nossas observações, concluímos que o Twitter abriga uma significativa rede de escrita coletiva sobre a situação pandêmica, sempre sujeita às dinâmicas dos algoritmos que mantêm a plataforma em funcionamento, e tem sido território de múltiplas interações, na forma de publicações de novas mensagens, comentários e *retweets*. Diante da grandiosidade de dados disponíveis, localizar discursos relacionados a um único tema, neste caso o futuro pós-pandemia, é um empreendimento com alto grau de dificuldade, pois esse tema nem sempre se coloca de forma explícita, apresentando-se em geral de modo subjacente às diversas abordagens

adotadas pelos usuários, ao debaterem a questão da pandemia. As mensagens que mais circularam, apresentadas neste estudo, demonstram algumas expectativas quanto ao desenvolvimento da pandemia, trazendo marcas utópicas e distópicas. Há também aqueles que sugerem a incapacidade da pandemia de promover mudanças (*tweets* 2 e 7).

A forma prosaica e o tom de bom humor adotadas nas redes sociais como estratégia discursiva para obter atenção, tende a camuflar enunciações que denotem desesperança ou medo. Mesmo assim, é possível identificar preocupações com o cenário futuro, especialmente no campo político. Algumas das mensagens que receberam mais atenção dos usuários trazem esse viés ao enquadrarem a gestão da pandemia por parte dos governos, em todas os níveis, no Brasil. Observa-se que a politização da pandemia traz a polarização existente no universo da política brasileira, com ampla circulação de discursos opostos oriundos da direita e da esquerda, de perfis de profissionais de mídia e informação, e, também, de perfis de humor e compartilhamento de memes (*tweets* 1, 3, 5, 7 e 8). Essas características evocam aspectos que se relacionam com as condições de produção do discurso, evidenciando a ordem ideológica em que o discurso é produzido e a constituição da subjetivação no âmbito da rede. Os perfis se alinham a determinadas formações discursivas promovendo disputa por hegemonia.

Observa-se ainda que há uma interdição em imaginar uma sociedade que tenha que viver em constante estado de alerta em relação às pandemias, seja a atual ou outras que podem surgir com a mesma intensidade da COVID-19. Nenhum dos posts mais retuitados faz menção ao fato que a COVID-19 possa se tornar persistente, mesmo depois de superada a condição de pandemia, o que nos leva à dimensão da utopia proposta Koselleck, ao projetar cenários positivos, mesmo que ainda reste a necessidade de um acerto de contas sobre as responsabilidades políticas decorrentes da gestão da pandemia. Apesar de o debate sobre a vacina contra a COVID-19 não ter sido mapeado nos posts mais populares, é possível inferir o apego à ideologia do progresso e certeza da capacidade da sociedade de vencer a pandemia (*tweets* 1 a 10). Mesmo com o aceno de que viveremos uma nova era (*tweets* 6 e 10), não há especulações que transcendam o presente, mas indicações do desejo de retomada do “antigo normal”, apesar de todos os alertas que os especialistas fazem de que é preciso construir outras formas de convívio, de cuidado sanitário e de modelos de desenvolvimento, caso queiramos evitar futuros ameaçadores como o presente que vivemos.

Vislumbramos assim que nossa pesquisa foi bem-sucedida em seu objetivo de mapear alguns desses discursos sobre o pós-COVID-19, entendendo como os usuários da rede social projetam suas utopias, distopias, expectativas e experiências em relação ao período que virá. Concluimos, assim, que a multiplicidade de perspectivas é uma característica basilar da escrita

coletiva das projeções de futuro em tempos de crise, e encontramos esses indícios entre a grande e heterogênea massa que compõe a comunidade de usuários do Twitter.

Ressaltamos também o sucesso em empregar os métodos de análise mediada por computador, através do processamento dos dados conforme descrevemos neste artigo. Destacamos a importância da transparência quanto aos procedimentos empregados, em busca do compartilhamento de experiências no uso desses recursos para nossas pesquisas em discurso.

Referências

BENTIVOGLIO, Julio. O futuro das utopias e das distopias em tempos presentistas. **Esboços**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 390-404, set.-dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/73090>>. Acesso em: 01 set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2020.e73090>

BRAUN, Daniela. Brasil tem a quarta maior base de usuários do Twitter no mundo. **Valor Investe**, Globo, 25 abr. 2022. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2022/04/25/brasil-tem-a-quarta-maior-base-de-usuarios-do-twitter-no-mundo.ghhtml>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

COMPARATO, Fábio Konder. **Pandemia da COVID-19 deve ampliar ainda mais o abismo da desigualdade**. Entrevista especial com Fábio Konder Comparato. [S.l: s.n.]. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/598269-pandemia-da-covid-19-deve-ampliar-ainda-mais-o-abismo-da-desigualdade-entrevista-especial-com-fabio-konder-comparato>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DINIZ, Débora. **Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum, diz antropóloga Debora Diniz**. [S.l: s.n.]. 2020. Disponível em: <<https://anis.org.br/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz/>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

HAN, Byung-Chul. Byung-Chul Han: Viviremos como em un estado de guerra permanente | Destacada | **Agencia EFE**. [S.l: s.n.], 2020. Disponível em: <<https://www.efe.com/efe/espana/destacada/byung-chul-han-viviremos-como-en-un-estado-de-guerra-permanente/10011-4244280>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

Interactive. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021/interactive>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014.

MEDEIROS, Laís Virgínia Alves. **Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagah, 2016.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de leitura**: da História no Discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Pontes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021. Kindle Edition.

Softwares utilizados

Alteryx Administrador Designer. Versão: 2021.3.1.47945. Boulder, Colorado (EUA): Alteryx Inc., 2021. Disponível em: <<https://www.alteryx.com/pt-br>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Tableau Desktop: Public Edition. Versão: 2021.2.1 (20212.21.0712.0907) 64 bits. Seattle, Washington (EUA): Tableau Software LLC, 2021. Disponível em: <<https://public.tableau.com/pt-br/s/#modal-signin>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Recebido em: 2 de junho de 2022

Aceito em: 27 de julho de 2022